



Projeto de Extensão:  
Mapeamento das organizações e saberes da cultura popular  
em Caruaru – PE

## Relatório Parcial

Integrantes:  
Elisabeth C. Santos; Pâmela Dias; Wilson Morais; Wellington Oliveira; Ítalo de  
Freitas; Camila Melo; Indianara Barros; Anderson Silva



## 1. Objetivo e Procedimentos

Nesse relatório parcial, apresentamos as principais **inquietações, demandas e proposições** relatadas por mestres e mestras que atuam em onze diferentes segmentos do campo da cultura popular da cidade de Caruaru-PE. Para o levantamento das informações aqui apresentadas, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, observações não participantes, e conversas informais com os mestres e mestras, como detalhado abaixo.

Nos meses de março e abril de 2017, os membros do projeto realizaram três entrevistas exploratórias com mestres da cultura popular da cidade. Essas entrevistas exploratórias não seguiram roteiro nem foram gravadas, e constituíram conversa informal. Seu principal objetivo foi apresentar o projeto de extensão e seus membros, identificar quais os principais segmentos da cultura popular caruaruense e quem são os seus principais mestres e mestras. A partir das informações coletadas nessas entrevistas, montamos quadro exploratório, que permitiu o acesso aos mestres e mestras culturais para realização de entrevistas semi-estruturadas.

As entrevistas semi-estruturadas constituíram a segunda fase da realização do projeto de extensão e aconteceram entre os meses de maio e outubro de 2017. Estas seguiram roteiro, foram gravadas e transcritas. Foram entrevistados(as) doze mestres e mestras de onze diferentes segmentos da cultura popular caruaruense, nomeadamente, o Boi Bumbá, o cordel, a capoeira, o afoxé, a dança popular, o pífano, o circo, o artesanato, a mazurca, o bacamarte, e o mamulengo. Para acessar os(as) entrevistados(as), foi utilizado o quadro exploratório montado através das três primeiras entrevistas exploratórias. Foram entrevistados(as) 1 mestre ou mestra para cada segmento da cultura popular identificado. O quadro 1, abaixo, apresenta os mestres e mestras entrevistados(as), o segmento da cultura popular no qual atuam, o tipo de entrevista realizada (exploratória ou semi-estruturada) e as datas das entrevistas:

Quadro 1 – Entrevistas

Entrevistado(a)	Segmento	Tipo de Entrevista	Data da entrevista
Entrevistado 1	Boi Bumbá 1	Exploratória	21/03/2017
Entrevistado 2	Cordel	Exploratória	24/03/2017
Entrevistado 3	Capoeira 1	Exploratória	08/04/2017
Entrevistado 4	Afoxé	Semi-estruturada	05/05/2017
Entrevistado 5	Capoeira 2	Semi-estruturada	10/07/2017
Entrevistado 6	Dança popular	Semi-estruturada	14/07/2017
Entrevistado 7	Música/Pífano	Semi-estruturada	19/08/2017
Entrevistado 8	Boi Bumbá 2	Semi-estruturada	26/08/2017
Entrevistado 9	Circo	Semi-estruturada	03/09/2017

Entrevistado 10	Cordel	Semi-estruturada	03/09/2017
Entrevistado 11	Bacamarte	Semi-estruturada	16/09/2017
Entrevistado 12	Artesanato	Semi-estruturada	21/10/2017
Entrevistado 13	Mazurca	Semi-estruturada	21/10/2017
Entrevistado 14	Cordel	Semi-estruturada	28/10/2017
Entrevistado 15	Mamulengo	Semi-estruturada	28/10/2017

Fonte: Elaboração própria

Importante destacar que, apesar de cada mestre/artista ter cedido informações sobre um segmento específico da cultura popular, geralmente eles atuam em mais de um segmento, como será visto a posterioridade.

Entre os meses de abril e julho de 2017, foi realizada observação não participante em 3 reuniões do conselho municipal de cultura e em 1 fórum de políticas culturais para a cultura popular. No mês de julho de 2017, também foi realizada observação não participante em duas oficinas de projeto do grupo de Boi Bumbá investigado, realizado com recurso do Funcultura. As observações foram sistematizadas e geraram relatos com os principais conteúdos discutidos. As informações sobre esses encontros seguem no quadro 2, abaixo:

Quadro 2 – Observações não-participante

<b>Encontro</b>	<b>Objetivo do encontro</b>	<b>Local</b>	<b>Data</b>
Assembléia Extraordinária do Conselho Municipal de Políticas Culturais	Propor alterações que reduzam a burocracia para favorecer a participação de artistas informais e grupos de cultura popular no edital do São João de Caruaru	Museu do Barro	17/04/2017
Fórum de Políticas Culturais para a Estação Ferroviária	Palestra sobre sustentabilidade com professor do IFPE Caruaru	Centro de Prática e Pesquisa N'Golo Capoeira Angola	29/04/2017
Reunião Ordinária do Conselho Municipal de Políticas Culturais	Apresentação das mudanças no São João de 2017; fala dos integrantes que constituíram a comissão de seleção para o São João 2017; apresentação de identidade visual do conselho.	Museu do Barro	08/05/2017
Projeto do Boi realizado com recurso do Funcultura	5º dia de oficina. O conteúdo trabalhado foram as loas	Casa do Boi	07/07/2017

Reunião Ordinária do Conselho Municipal de Políticas Culturais	Apresentação de resultados sobre São João 2017.	Museu do Barro	10/07/2017
Projeto do Boi realizado com recurso do Funcultura	10º dia de oficina. O conteúdo foi produção de fantasias e adereços.	Casa do Boi	14/07/2017

Fonte: Elaboração Própria

Em novembro de 2017, foi realizado cine debate, no CAA-UFPE, com integrantes da Escola de Capoeira investigada. Na ocasião, foi discutida a vida e obra de Mestre Pastinha, e estiveram presentes membros do projeto de extensão. Em agosto de 2018, membros da mesma Escola de Capoeira e do projeto de extensão realizaram visita a Reserva Quilombola, localizada em Serra da Barriga, na cidade de União dos Palmares, em Alagoas. Essas vivências foram importantes para maior compreensão do campo estudado.

## 2. Inquietações, demandas e proposições dos(as) mestres(as) da cultura popular caruaruense

### 2.1 Diferenças entre culturas

Algumas distinções entre a cultura popular e outras culturas, e até mesmo dentro da cultura popular, surgiram nas falas dos entrevistados(as). O Entrevistado 10, um dos representantes do segmento do cordel, por exemplo, afirma haver uma concorrência desleal entre cultura popular e cultura pop, esta última feita para a massa, uma vez que ela possui maior aceitação que a cultura popular.

A Entrevistada 6, representante do segmento de dança popular, fala sobre a existência de cultura popular de raiz, que se diferencia das culturas populares da contemporaneidade, mais especificamente no segmento da dança:

*na dança de raiz que eles dançam para eles [...] tanto é que eles dançam de costas para o público porque eles não se importam com o público, se o público tá gostando ou não gostando, o que importa para eles é eles se divertirem. Que as manifestações foram criadas dessa forma né? Por conta da escravidão, da pobreza, da miséria, eles tentavam encontrar alguma forma de fugir daquela triste realidade. E a partir daí foram criando né? Essas manifestações, esses movimentos que eram os momentos que eles tinham para se divertirem. Então a cultura de raiz mesmo, a cultura popular de raiz, ela nasceu do próprio povo para eles mesmos né? (Entrevistada 6).*

Os passos dos grupos de dança ligados a uma cultura de raiz, de acordo com a Entrevistada 6, são essenciais para alimentar a criação de novas coreografias dos grupos contemporâneos.

A mesma também se refere a uma discriminação em relação à dança popular, e maior visibilidade dada à dança clássica, que compõe a chamada cultura erudita. A história da própria dançarina traz um pouco disso, tendo em vista que, na infância, sua mãe não queria que ela dançasse outro estilo que não fosse o clássico, uma vez que, de acordo com ela, “moça direita não dança” (Entrevistada 6).

Há de se considerar ainda que as culturas populares também vem passando por mudanças na contemporaneidade. Como afirma o Entrevistado 13, por exemplo, a mazurca (localizada no Alto do Moura) hoje é mais “organizada” do que era antigamente. Essa “organização”, para ele, está associada principalmente à padronização das roupas (que são mantidas pelos próprios integrantes e não podem ser usadas no dia a dia, somente nos momentos de apresentação), à apresentação em eventos, pois antes a mazurca acontecia de forma espontânea no Alto do Moura, e à compra de equipamentos como som e microfone, que só foi possível com o recurso do Ministério da Cultura, quando o Alto do Moura se tornou Ponto de Cultura.

O Entrevistado 11, representante do segmento do bacamarte, também fala sobre a necessidade de implementação de processos burocráticos na atualidade, como a licença (ordem) para se apresentar com o bacamarte e para funcionar como batalhão (nome dado aos grupos de bacamarte). De acordo com o entrevistado, esses processos envolvem deslocamentos entre diferentes instituições e cidades, e gasto de dinheiro. A fala de uma das integrantes do Boi Bumbá 1 durante uma das oficinas, também chama a atenção para essas mudanças contemporâneas, evidenciando que a lógica mercantil também está inserida no fazer cultural.

Por meio desses achados de campo, percebe-se que as culturas populares são distintas entre si e possuem características e fins específicos, como a dança de raiz e a dança contemporânea; que elas vem se transformando, inserindo-se, inclusive, numa lógica mercantil e adotando processos burocráticos (com resistências), o que não deve ser desconsiderado na análise do campo cultural; e que elas concorrem com as chamadas cultura pop/de massa e cultura erudita de forma desigual, uma vez que estas últimas são, muitas vezes, favorecidas. Desse modo, chamamos a atenção para a compreensão das especificidades das diferentes culturas populares, suas transformações, e de suas relações com as demais culturas, a fim de propor ações condizentes, e que evitem a discriminação de uns em detrimento de outros.

## 2.2 Desvalorização e preconceitos

Nas falas dos mestres e mestras entrevistados(as), foi comum ouvir que existe uma desvalorização e falta de reconhecimento da história e da cultura caruaruense por parte das instituições locais, e um conseqüente preconceito, incompreensão e falta de interesse da população em relação à cultura popular, como pode ser observado na fala do Entrevistado 7, representante do segmento do pífano:

*Boa justiça, minha vó falava, boa justiça começa de casa. E que palavra é essa matuta, ‘a boa justiça começa de casa’? A boa justiça começa de casa? Sim! Então, se os de casa, quando eu digo ‘os de casa’ somos aqui a nossa cidade, nossa universidade, nossas faculdades, nossos colégios, se não tratam de apoiar de valorizar a nossa cultura que tem, imagina lá fora que num tá vendo que é longe?! Então quer dizer que ninguém de casa num valorizando já tá num caminho errado. Nós precisa ter o apoio de casa logo e quando eu digo ‘a casa’ é nossa cidade, nosso Pernambuco, num é só cidade também é Pernambuco, se Pernambuco num valoriza!*

De acordo com alguns entrevistados(as), o público parece não ser preparado nem estar habituado a consumir cultura popular. Segundo o Entrevistado 10, um dos representantes do segmento do cordel, por exemplo:

*Não é só uma questão de ter os espaços de declamar e ser ouvido, é de ser entendido, né... De ser lido e as pessoas compreenderem a proposta [...] existe uma profunda alienação, na minha opinião (Entrevistado 10).*

Essa falta de preparação do público, para os mestres e mestras entrevistados(as), geraria estranhamentos, preconceitos e “falta de interesse”, recorrentemente citada pelos mestres. Na dança popular, essa situação se mostra evidente, uma vez que os passos são incompreendidos pelo público, apesar de serem repletos de significados e contarem histórias:

*[...] mesmo que muitas pessoas não entendam lá fora, mas a gente sabe o que a gente tá fazendo, o que a gente tá dançando e porque a gente tá fazendo aquilo. Que para muitos, às vezes, pode ser até engraçado, ridículo, mas a gente sabe que a gente tá reproduzindo a cultura de um povo que tá lá e que ninguém enxerga, que é como se fosse um povo invisível, né (Entrevistada 6).*

Preconceitos dos mais diversos também surgem dessa não preparação do público consumidor. Dentre esses preconceitos estão aquele relacionado ao trabalho do artista, como afirma o Entrevistado 9, representante do segmento circense:

*[...] ‘Ah, você faz o quê?’ ‘Ah, eu sou artista.’ ‘Ah, então é vagabundo’... Não! Eu não sou vagabundo não, vem trabalhar, vem fazer meu ofício...Planejar um espetáculo, montar um cenário, carregar coisa na cabeça, vender o espetáculo, não é fácil, e aprender a lidar com pessoas de todos os tipos.*

Outro preconceito recorrentemente citado pelos(as) entrevistados(as) é aquele relativo às expressões da cultura negra, como o Afoxé, como mencionado pela Entrevistada 4:

*a gente continua na escravidão, porque somos mal visto, principalmente o negro. O negro é muito mal visto, nas escolas, nem empregos, né? Você vem assim e já vem um negro, aí já pensa que você vai até ser assaltada por aquele negro, a vez aquela pessoa é uma pessoa tão estudada, é uma pessoa esforçada [...].*

Esse preconceito e as consequentes retaliações vivenciadas pelas pessoas negras, principalmente aquelas que são filhas de terreiro, faz com que elas tenham medo de expressar sua crença, usando suas vestimentas tradicionais no dia a dia: “as pessoas vê eles [filhos de terreiro] com maus olhos, aí [o filho de terreiro] acha que aquela pessoa vai atirar uma pedra, vai fazer um mau a ele” (Entrevistada 4).

A própria entrevistada relata uma situação de violência vivenciada, em decorrência desse preconceito:

*[...] quando eu vinha com o dinheiro, nisso vinha um cara que se diz evangélico mais outro dentro do carro eles botaram o carro pra cima de mim pra me matar, eu escutei quando eles disseram ‘vai bota, bota mesmo por cima, bota, bota mesmo por cima!’ Aí eu dei um pulo bem grande [...] e minha sorte também além do pulo tinha um carro, aí [...] ele não veio com mais força porque de todo jeito ele ia bater em mim e ia bater no carro e ele ia ter prejuízo. E eu passei por tudo isso já (Entrevistada 4).*

Interessante destacar que tanto a Entrevistada 9 quanto os Entrevistados 15 e 7, dos segmentos de mamulengo e pífano, respectivamente, se referem a “evangélicos” quando mencionam pessoas e grupos que parecem não dialogar com a cultura popular.

A “falta de interesse” dos mais jovens, é recorrentemente mencionada:

*Naquele tempo [referindo-se ao tempo de infância] era bom demais, o jovem tudim entrava na mazurca, agora o jovem num quer mais porque diz assim: ‘ah isso é coisa de velbo, coisa antiga né?’. Mai não, que é uma dança bonita (Entrevistado 13).*

Diante do exposto, percebe-se que parece existir relação entre educação, preconceito e desinteresse. Nesse sentido, algumas possibilidades aparecem nas próprias falas dos(as)

entrevistados(as), como a criação de espaços educativos nos quais crianças possam aprender sobre cultura popular, retirando-as das ruas (Entrevistada 4); fortalecimento de políticas públicas já existentes, que incentivam o conhecimento da cultura afro nas escolas públicas brasileiras, como forma de mitigar o preconceito (Entrevistada 4); programas que incentivem estudantes universitários a conhecerem a história caruaruense, bem como sua cultura popular e o reconhecimento internacional que esta possui (Entrevistado 15); promover intercâmbio entre universidade e comunidade cultural, fazendo com que mestres possam ir à sala de aula para falarem sobre cultura, e estudantes se envolvam no dia a dia do trabalho com cultura popular (Entrevistado 8); abertura de espaço para apresentações de grupos culturais no espaço universitário, o que contribuiria, inclusive, para a divulgação do trabalho dos mestres e mestras (Entrevistados 7 e 13).

### 2.3 Precariedade do trabalho

As falas dos(as) entrevistados(os) apontam para a realização de um trabalho precário no que se refere à falta de garantias sociais, jornadas duplas, grande número de horas trabalhadas, cansaço físico, ausência de infraestrutura adequada, pagamentos inadequados.

Alguns mestres e mestras entrevistados(as) não conseguem atingir uma renda mínima por meio do trabalho com cultura popular, e precisam desenvolver outros trabalhos, seja trabalhando na rádio local (Entrevistado 15), na feira (Entrevistado 14), dando aula em escolas municipais (Entrevistado 10), fazendo bicos como pintor, pedreiro, limpador de mato (Entrevistado 1) etc.

Dentre os(as) entrevistados(as), alguns também afirmaram trabalhar muitos dias da semana, tendo pouco tempo para descanso, a exemplo da Entrevistada 12, do segmento artesanal, e do Entrevistado 7, do segmento do pífano:

*Eu dedico os [...] sete dias, os sete dias da semana, né. Eu dedico da segunda ao sábado e no domingo eu ainda tenho que visitar aqui (Entrevistada 12).*

*[...] Eu tiro dois dias pra as atividades da escola e quatro dias nós fica aqui dentro organizando aqui fabricando e trabalhando, quatro dias por semana (Entrevistado 7).*

Com o passar da idade, o cansaço físico fica mais evidente, como afirmam a Entrevistada 12 e o Entrevistado 13:

*[...] hoje nós trabalha com motor [no torno<sup>1</sup>] porque a perna não aguenta empurrar né, trabalha muito e muitos anos né, vai cansando [...] (Entrevistada 12).*

*[...] tem uns aí que tá com setenta poucos, num guenta mais mazurcar, pararam (Entrevistado 13).*

Grande parte dos(as) entrevistados(as) também aponta que desenvolve as atividades dos grupos culturais que coordenam em espaços sem infra-estrutura adequada, ou em suas próprias residências (Entrevistados 8 e 11), geralmente porque não recebem incentivo e não possuem recursos próprios suficientes para investir num local adequado.

A estrutura provisória concedida a alguns mestres da cidade pela prefeitura, e conseguida depois de “uma luta muito grande”, como afirma a Entrevistada 4, do segmento do afoxé, é carente de infraestrutura básica. É o caso das casas de cultura provisórias onde os mestres desenvolvem seus trabalhos, localizadas na antiga estação ferroviária da cidade, e que

---

<sup>1</sup> Ferramenta com eixo central giratório que dá forma ao barro, no desenvolvimento das peças artesanais. Pode ser manual (quando, para girar, se utiliza o pé, enquanto as mãos dão acabamento à peça) ou mecânico.

não possuem banheiros; alagam em dias de chuva, uma vez que o teto está desgastado (na casa do cordel, o alagamento causa grandes perdas, uma vez que os produtos são de papel); estão próximas de esgoto não tratado; sofrem com a falta de segurança (uma das casas já foi invadida e roubada); sofrem com a má iluminação no entorno; não possui estacionamento, que na verdade existe, mas só os comerciantes que atuam ao redor da estação podiam utilizar, como mencionado por um dos mestres entrevistados.

Em reuniões do conselho de políticas culturais, foi informado aos presentes que as casas provisórias seriam retiradas da antiga Estação Ferroviária e realocadas num galpão existente nessa mesma estação. A notícia gerou controvérsias, e até o término desse projeto, as casas não foram retiradas e a nova estrutura do galpão não foi criada.

Além disso, as ferramentas utilizadas pelos mestres e mestras são, por vezes, antigas. É o caso dos fornos a lenha que, segundo a Entrevistada 12, representante do segmento artesanato, poderia ser substituído pelo forno a gás, que melhoraria sua condição de trabalho, caso ela tivesse condições financeiras.

No que se refere aos pagamentos inadequados ao mestre/artista, o Entrevistado 9, representante do segmento circense, aponta:

*Olhe, essas instituições [universidades] que tão 'valorizando a cultura', se você observar, é... Só chamam os grupos para se apresentar... Não sei se é porque não tem, mas não dão apoio financeiro, porque toda saída que o povo vai é um material que vai. O Boi Bumbá quando vai se apresentar, junta um povo que tem um gasto e as pessoas só me chamam para dizer '[Entrevistado 9], vem que a gente vai valorizar seu trabalho'. Não, não vai valorizar meu trabalho, vai explorar. Se fosse valorizar, iria dizer '[Entrevistado 9], quanto é que tu gasta, pra tu vir aqui, a gente vai te fornecer o básico' (Entrevistado 9).*

O Entrevistado 13, por sua vez, menciona que muitas vezes não recebe cachê, e se apresenta com seu grupo de mazurca em troca de um lanche apenas. Por meio dessas falas, percebe-se que ainda é notável a inexistência de uma contrapartida justa ao trabalhador da cultura popular pelo serviço que este presta, geralmente materializados em apresentações. Essas apresentações envolve gastos e esforços coletivos que, por vezes, não são bem remunerados, agravando a precariedade do trabalho desses agentes.

Como possibilidades apontadas pelos(as) entrevistados(as) para superação desses problemas, os(as) entrevistados(as) falam que os contratantes de serviços culturais precisam considerar os gastos que os grupos possuem para montarem apresentações, quantas pessoas dividirão o dinheiro no grupo, e qual será o lucro do artista, a fim de realizarem pagamentos mais justos.

O fortalecimento do conhecimento dos próprios mestres e grupos sobre aspectos financeiros foi levantado por alguns(as) entrevistados(as) como uma carência existente, que poderia ser útil no combate à má remuneração. Nesse sentido, a universidade poderia intervir no desenvolvimento desse conhecimento junto aos mestres e mestras (Entrevistado 5 e Entrevistada 12).

## 2.4 Ausência de matéria prima

Cada grupo de cada segmento da cultura popular utiliza matéria prima específica para a confecção de seus produtos. As entrevistas apontam para a ausência (presente ou futura) de materiais como: taboca para fazer o pífano, em função do desmatamento para outros tipos de plantações (Entrevistado 7); Madeira para construção do berimbau da capoeira (Entrevistado

5); barro para as produções do artesanato no Alto do Moura, em função da construção de imóveis nas reservas de barro, e lenha para o forno, que precisa ter autorização do IBAMA (Entrevistada 12).

Encontrar soluções para estes problemas exige articulações complexas com o poder público, uma vez que envolve interesses diversos, relativos à preservação do meio ambiente e ao setor privado de construção de imóveis.

## 2.5 Ausência de projetos para a cultura popular além do São João

Nas falas dos mestres e mestras entrevistados(as), foi comum ouvi-los dizer que trabalham bastante no período do São João, o que avaliam como positivo, mas que carecem de projetos voltados para a cultura popular caruaruense além dos festejos juninos, como afirma o Entrevistado 7, do segmento do pífano:

*[...] o São João de Caruaru passou, daqui um ano é que toca de novo, isso não vale a pena. E só come de ano em ano, é? A gente tem que comer todos os dias, né? E tem mais, quero deixar uma mensagem bem aqui, que a gente precisa é de projeto pra gente trabalhar, não só no São João, trabalhar toda época [...]*

Nesse sentido, os(as) entrevistados(as) fazem críticas sobre a ausência de festividades em outras datas comemorativas, como no carnaval, que acontecia em Caruaru na década de 1980, de acordo com a Entrevistada 4 (representante do afoxê), mas que foi extinto; ou no mês do folclore, por exemplo:

*[...] Nós tamo no mês de folclore, o mês de agosto não é folclore, né? Eu esperava que ia aparecer alguma coisa, pra gente fazer alguma coisa, nada agora só fala em política, nós liga o rádio só é política, política, e o mês passando e não ninguém vê ninguém falando em folclore uma coisa boa pra nós tocar, pra nós ter uma festival, nós não vê falar nada, Caruaru é assim (Entrevistado 7).*

O Entrevistado 1, do segmento do Boi Bumbá, chega a afirmar que só possui apresentação para o grupo de seis em seis meses, aproximadamente (que é quando o grupo consegue captar recursos significativos), apesar de trabalhar toda semana, dando aula e desenvolvendo outras atividades. Desse modo, ele afirma ser difícil sustentar o folguedo ao longo do ano.

No segmento do artesanato, por sua vez, observa-se que a procura dos turistas pelo produto comercializado é maior durante o São João, mas ao longo do ano, essa procura diminui significativamente, trazendo prejuízos ao negócio.

Sobre essa inquietação levantada, os próprios entrevistados(as) também apontam uma possível saída: o apoio da universidade no desenvolvimento de projetos que permitam a captação de recursos públicos, auxiliando assim a manutenção dos grupos. Como dizem os Entrevistados 7 e 9, representantes do pífano e do circo, respectivamente:

*Elaborar um projeto bem amarrado e jogar pra brigar com os governos [...] a universidade pode muito bem elaborar um projeto e jogar pra eles porque dinheiro é o que não falta, fazer projeto, trazer dinheiro pra poder reforçar a nossa cultura (Entrevistado 7).*

*[...] a faculdade, talvez, hoje tem acesso a projetos e tem o saber de fazer projetos que os leigos não têm, né. Se a universidade estuda como elaborar projetos, em determinado ela paga cadeira disso, então vamos transformar isso para a gente sentar e aprovar, junto a um órgão sei lá o que, ou federal, ou particular, ou sei lá (Entrevistado 9).*

## 2.6 Perda dos saberes dos mestres

Os mestres e mestras entrevistados(as) se referem a ausência de registros escritos ou até visuais dos saberes construídos ao longo dos anos. Como afirma o Entrevistado 8, do segmento do boi bumbá:

*a maioria [das loas<sup>2</sup>] se eu dizer a você que eu não tenbo quase nada anotado é tudo de cabeça, hoje é que tamo aproveitando é porque a tecnologia cresceu é que tamo acumulando num cdzinho, num dvdzinho aí vai amontoando mas sempre a maioria é tudo aqui de cabeça.*

Recorrentemente, esses saberes são detidos pelos próprios mestres e por seus familiares, correndo o risco de serem perdidos caso esses agentes esqueçam ou venham a óbito.

Esse perigo se agrava dado o “desinteresse” dos mais jovens pela cultura popular, uma vez que os saberes populares são, muitas vezes, passados de geração em geração. Desse modo, se uma geração mais nova não se interessa em aprender e resguardar os saberes populares dos seus antepassados para repassá-los às gerações futuras, eles correm o risco de se perderem com o tempo.

Os mestres justificam esse desinteresse dos mais novos pela “preguiça” (Entrevistado 7), outros mencionam a falta de incentivo do poder público para manter esses saberes (Entrevistado 6). De qualquer modo, parece haver uma preocupação e um esforço dos mestres e mestras mais velhos(as) entrevistados(as), que buscam sempre ter um aprendiz mais jovem por perto, a quem possa ensinar.

Sobre esse tema, a principal possibilidade apontada para superá-lo foi o apoio da universidade na sistematização desses saberes, seja através de registros visuais ou textuais, de forma que eles pudessem ser resguardados, como no caso das loas, que estão “na cabeça” daqueles que atuam no segmento do Boi Bumbá.

## 2.7 Relação com o poder público

Muitas são as inquietações dos mestres e mestras entrevistados(as) no que se refere à sua relação com o poder público. Dentre elas, está o atraso no recebimento de cachês de festivais, sobretudo do São João; o não cumprimento de valores acertados anteriormente; e a necessidade de solicitação direta de recurso aos órgãos públicos, sem critérios pré-estabelecidos que democratizem a distribuição dele, geralmente associada a troca de favores políticos. A fala do Entrevistado 5, do segmento da capoeira, ilustra essa última questão:

*[...] quando você começa a ir atrás de apoio do poder público, o poder público [diz] ‘é, então a gente vai lhe dar mas você tem que fazer isso’ e [os fazedores de cultura] começam a se vender pro sistema.*

A falta de apoio e incentivo para montar o espaço do grupo e mantê-lo, para compra de equipamentos necessários, para lançamento de produtos artísticos (como livros e CDs), bem como para transporte, alimentação, hospedagens, e divulgação também foi mencionada pelos(as) entrevistados(as). Outra menção se refere à falta de transparência no uso dos recursos públicos que foi, inclusive, um tema questionado pelos próprios artistas nas reuniões

---

<sup>2</sup> “[...] tema cantado tanto em contexto religioso como em contexto profano, ambos de caráter coletivo, que identifica manifestação pública de tradição oral. Em seus espaços de ocorrência, a loa pode ser associada ao cântico litúrgico presente em religiões de terreiro” (IPHAN, n.d., pp. 73-74).

do conselho municipal de políticas culturais. A ausência de políticas públicas voltadas para o sustento de mestres e mestras da cultura popular também foi levantada nas entrevistas.

Percebe-se uma relação entre mestres e poder público desgastada, diante do acúmulo de experiências negativas vivenciadas. Foi comum ouvir histórias de mestres que se dizem reconhecidos por agentes estrangeiros, mas desconhecidos e pouco valorizados pelos órgãos públicos e empresariais locais.

Entende-se que a administração de recursos públicos é algo complexo, dada a sua escassez e as muitas demandas existentes. Entretanto, a partir das entrevistas, observa-se que um maior diálogo poderia favorecer melhor compreensão entre as diferentes partes.

Outra questão é que, mais uma vez aqui, a elaboração de projetos para captação de recursos em editais aparece como uma possibilidade, visto que os mestres e mestras poderiam ter acesso a recursos públicos distribuídos de forma mais democrática.

### 3. Considerações

As entrevistas, observações e discussões realizadas para compreensão do campo da cultura popular caruaruense e conseqüente confecção desse relatório, levaram a reflexões e ações, realizadas no âmbito da universidade, que buscaram superar algumas das inquietações e dificuldades apontadas. Tais ações estão relatadas abaixo, no sentido de inspirar e ampliar o debate sobre o tema.

Além desse relatório parcial, a equipe envolvida construiu uma base de dados com contatos de mestres e artistas que atuam em diferentes segmentos do campo da cultura popular caruaruense. Tal base de dados constitui um instrumento importante para mapeamento da desse campo por meio de futuras pesquisas, sejam elas quantitativas ou qualitativas.

Mestres e mestras da cultura popular foram convidados a participarem do processo de ensino-aprendizagem no espaço universitário. Mestres e mestras do segmento do pífano, do boi bumbá, do cordel e da capoeira, estiveram com estudantes do curso de administração em momentos distintos, compartilhando experiências, histórias, saberes, e modos de intervir na realidade por meio da cultura popular.

Resultados parciais contidos no presente relatório, e em projeto de pesquisa que propõe estudar os saberes e práticas organizativas das organizações de cultura popular em Caruaru, foram apresentados em eventos que aconteceram na casa do cordel, localizada na antiga Estação Ferroviária da cidade. Os dois eventos aconteceram no primeiro semestre de 2018, e foram organizados por membros da equipe que realizou o levantamento discutido nesse relatório parcial.

Pesquisas foram iniciadas com o objetivo de melhor compreender a realidade das organizações da cultura popular caruaruense. Dentre essas pesquisas, existem projetos de iniciação científica e pesquisas de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ambos realizados por estudantes do curso de administração do Centro Acadêmico do Agreste (CAA).

Projetos de extensão, coordenados por professoras de Administração do CAA junto a parceiros locais, também foram desenvolvidos ao longo do ano 2018. Um deles, já concluído, visou envolver estudantes nos processos de produção cultural de eventos culturais independentes. O outro projeto, em andamento, tem como objetivo aproximar a comunidade cultural caruaruense da comunidade acadêmica por meio de experiências culturais, que

formem agentes culturais locais aptos a serem instrumentos de desenvolvimento em suas realidades.

Por fim, espera-se que o presente relatório sirva como instrumento de apoio à discussão e criação de políticas voltadas à realidade da cultura popular caruaruense.

## Referência

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [IPHAN]. (n.d.). *Inventário Nacional de Referências Culturais do Maracatu Nação*. Recuperado em 28 de dezembro, 2017, de [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE\\_MARACATU\\_NA%C3%877%C3%83O.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARACATU_NA%C3%877%C3%83O.pdf)

